

Júlio Roberto Katinsky

# C

ONSIDERAÇÕES SOBRE O  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA  
FAUUSP – 1973-1999

090

pós-

## RESUMO

O curso de Arquitetura e Urbanismo da USP, iniciado em 1948, procurou por seus fundadores, Luís de Anhaia Mello, João Baptista Vilanova Artigas, Luís Cintra do Prado, apoiados em uma nova visão interdisciplinar da atividade do arquiteto, com o concurso distante, mas não desprezível do pensamento de Mário de Andrade e Lúcio Costa, estabelecer as preocupações técnicas e tecnológicas da indústria da construção e as sugestões dos artistas-cidadãos comprometidos com o ideário iluminista e libertário, como Boulléc, Durand, arquitetos, e Shiller e Goethe, poetas. Isso porque, desde o início, o ensino da arquitetura na graduação se caracterizou, nesses 50 anos na FAUUSP, pela ênfase da construção na “cidade” e na “utopia” da cidade, não naquela que existe, mas naquela proposta. O texto em questão sugere essas mesmas vertentes para orientar o curso de pós-graduação.

## ABSTRACT

The course of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo, inaugurated in 1948, embraced a double aim as defined by Anhaia Mello, Artigas, Cintra do Prado and others, and greatly influenced by Lucio Costa and Mário de Andrade. The founding fathers sought both to meet the technical or technological concerns of the building industry as well as take into account the suggestions of artists committed to the Illuminism ideals of liberty, such as the architects Boullée and Durand or the poets Shiller and Goethe. Keeping its roots alive, during its fifty years, the undergraduate course has been characterized by the emphasis put not on the real city, but on the city to be constructed, on the utopian ideal city, on the city to be proposed. This paper argues that the same principles should be maintained as guiding lines for the graduate course.

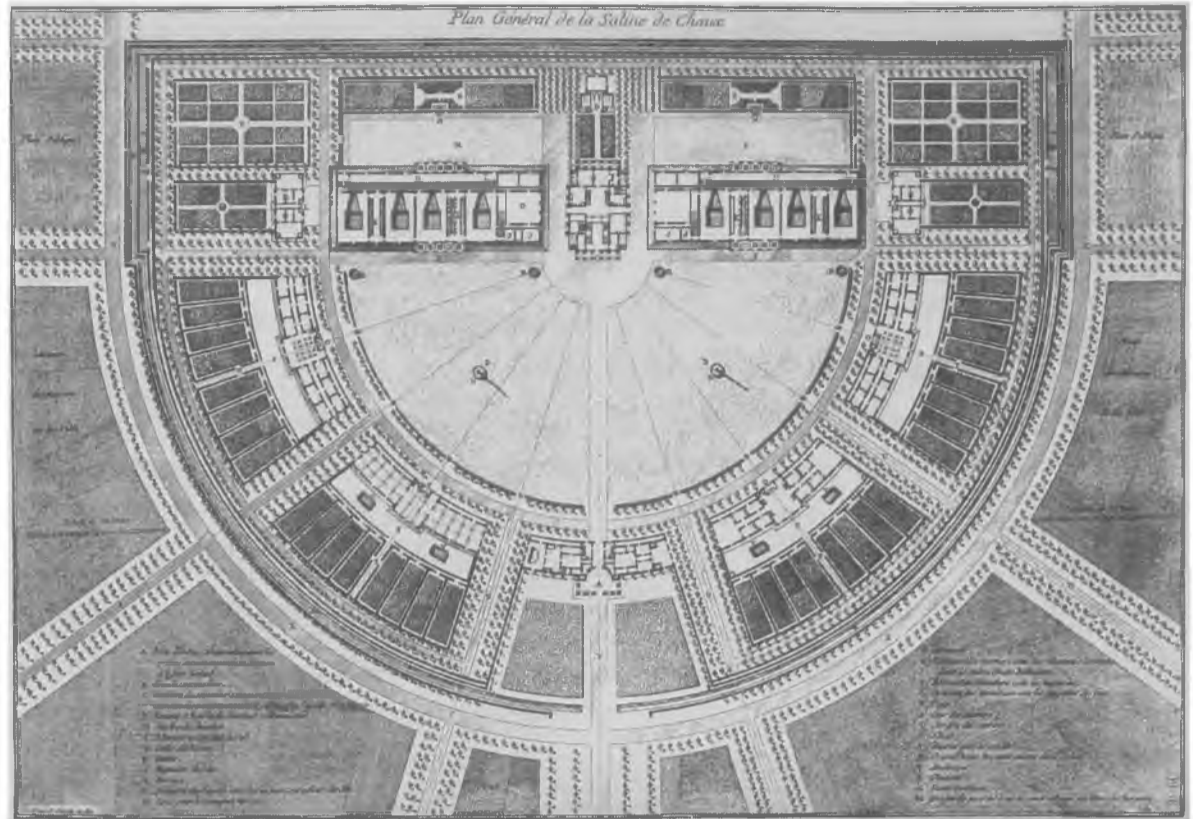
A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, fundada em 1948, propôs-se, pelos seus fundadores, a renovar o ensino da arquitetura, rompendo, de um lado, com o ensino tradicional, estabilizando nas escolas de modelo *beaux-arts*, de origem francesa, e de outro lado, os ensaios propostos de um ensino estreitamente vinculado ao ensino da tecnologia, tal como estava organizado na Escola Politécnica.

Havia ainda difusa, em 1948, a idéia de que o arquiteto era um profissional em extinção, sendo substituído pelo “novo profissional” o tecnólogo. Essa tese foi exposta de várias formas, às vezes de maneira sutil pelos pensadores mais prestigiados no período entre guerras, como Keyserling, Spengler e mesmo Ortega-y-Gasset. O crítico e historiador de arte Giulio C. Argan, nesse período, escreveu um ensaio no qual expunha sua convicção de que a “tecnologia” substituiria a “arte” (inserido no livro *Projeto e destino*). Esses pensadores talvez não tivessem consciência, mas na realidade estavam fazendo a apologia dos então triunfantes movimentos autoritários, principalmente (mas não exclusivamente) como o fascismo e o nazismo. Contra esse pensamento asfixiante, outros autores, sem o mesmo poder de difusão, produziram, entretanto, as premissas de uma discussão na qual os valores libertários se apresentavam salvaguardados, obviamente dentro dos limites de cada cultura. Assim, na Itália, Croce e Gramsci, em que pese suas diferenças, opuseram-se coerente e corajosamente ao fascismo. Croce, em seu pequeno livro *Estética in nuce*, coloca o objetivo da arte em uma “moralidade” não entendida no sentido corrente, mas em um sentido de totalidade. Se não fosse sua ojeriza por Schiller, ele poderia simplesmente reconhecer, nesse caso, sua dívida para com o poeta e filósofo alemão. Igualmente Pevsner e Giedion, no mundo anglo-saxão, opuseram-se ao nazismo. Por isso mesmo, seus livros foram editados preferentemente em inglês. Nos Estados Unidos, creio que podemos nos referir a Henry Russel Hitchcock na América, como o mais conseqüente defensor do novo humanismo, aquele resultante do reconhecimento da nova significação cultural das relações do trabalho, resultantes da assim chamada “Revolução Industrial”

No Brasil, como também não poderia deixar de acontecer, ao lado de pensadores, defensores do autoritarismo como Miguel Reale, Plínio Salgado, José Mariano Filho, Gustavo Barroso, outros intelectuais como Lúcio Costa e Mário de Andrade defenderam posições liberais, igualmente procurando conciliar as novas realidades do trabalho moderno, fabril, e a democratização dos recursos gerados pela nova situação. Mário de Andrade, em sua aula inaugural dos cursos da Universidade do Distrito Federal de 1938 (O artista e o artesão), mostra-se integralmente aderente ao pensamento de Friedrich Schiller exposto em seu livro *A educação estética do homem*, no qual o poeta alemão propõe uma estética cidadã, estreitamente ligada a uma “moralidade libertadora” de todos os homens, romântica e liberal. Essas posições serão reafirmadas em seu estudo *O movimento modernista*, de 1942, praticamente seu testamento espiritual, no qual reforça os parágrafos finais da sua aula inaugural, puro Schiller.

Quanto a Lúcio Costa, dado rompimento ruidoso e público registrado na polêmica com José Mariano Filho, em 1930, em que este não titubeou em discriminar odiosamente os colaboradores de Lúcio Costa por sua origem russa e judaica no caso do arquiteto

Planta da cidade de Chaux  
C. N. Ledoux - arquiteto  
A cidade de Chaux é  
seguramente a primeira cidade  
industrial conhecida projetada  
por arquiteto (salinas de Arc-et-  
Senans-Franche Conté)



Superquadras residenciais,  
Brasília.



Warchawchick, o texto *Razões da nova arquitetura* mostra-se um manifesto antitotalitário antes de qualquer outra coisa.

Para a fundação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, além dos apoios institucionais e políticos, contribuíram notavelmente as proposições teóricas desenvolvidas no interior da Escola Politécnica de São Paulo, particularmente pelos catedráticos empenhados na solução dos problemas urbanos: Victor da Silva Freire, estudioso do traçado da cidade, com as preocupações típicas de salubridade da ocupação territorial, e Alexandre Albuquerque, com a higiene das edificações.

Como mostra a tese de doutorado de Carlos Roberto Monteiro de Andrade, *Barry Parker: Um arquiteto inglês na cidade de São Paulo* (1998-FAUUSP), quando Barry Parker chegou a São Paulo, pelo menos no interior da Escola Politécnica, o ambiente estava favorável à absorção de suas idéias, tornando o empreendimento capitalista da *City of São Paulo improvements* um êxito raramente alcançado em outros lugares.

Só assim, com esse fundamento de estudos urbanos, pode-se entender os trabalhos pioneiros de Luís de Anhaia Mello sobre a disciplinação dos serviços públicos (“monopólio natural” em sua terminologia) de 1928, e o plano de avenidas, de Prestes Maia, de 1930.

Mas também a adesão entusiástica de Anhaia Mello ao *New Deal*, de Roosevelt, e ao projeto de Tennessee Valley Authority, de 1933, nos Estados Unidos, no mesmo ano em que eram lançados. Este último empreendimento revelou-se a mais revolucionária experiência de reciclagem de uma extensa área de ocupação territorial (afinal tratou-se do vale de um rio inteiro) no mundo ocidental no século 20.

É verdade que a experiência terminou melancolicamente, pela absorção do excedente energético produzido na fabricação de armas atômicas (em Oak Ridge) depois de 1945. Mas o modelo ficou e continua sendo perseguido, pelo menos em nível universitário, sendo o mais característico exemplo o grande êxito do Projeto Genoma brasileiro, em parte financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). De fato, os primeiros projetos “interdisciplinares” de pesquisa, como o Projeto Genoma, foram ensaiados no TVA, conforme nos relata Otto Lilienthal em seu livro traduzido para o português sob o nome *Democracia em marcha*.

É, pois, esse engenheiro arquiteto, Anhaia Mello, professor catedrático da Poli, acompanhando projetos de “múltiplo uso” e, portanto, exigindo múltiplos “especialistas” trabalhando para um mesmo e único objetivo, como são os projetos propostos pelo TVA, que vai conceber uma nova e renovada condição do arquiteto.

Assim, em ensaio publicado no Anuário da sua Escola, em 1946, sob o título: *A evolução do curso de engenheiros arquitetos na Escola Politécnica de São Paulo*, Anhaia Mello registrava as seguintes observações:

“Acertará o diagnóstico do mal quem atribuir a concepção errônea, infelizmente ainda generalizada, do que seja arquitetura e da verdadeira função do arquiteto na vida nacional.”

Nesse caso, aliás, incidiu também o Decreto n. 23.569, de 11 de dezembro de 1933, que regulou o exercício das profissões de engenheiro, de arquiteto e de agrimensor.

Basta examinar o capítulo quarto que dispõe sobre a especialização profissional, para se concluir que a zona da atribuição privativa do arquiteto não tem fronteira definida, e que, matéria de sua exclusiva competência, foi atribuída também a outros profissionais.

O que se deve entender por “caráter essencialmente artístico ou monumental” e “obras de grande decoração arquitetônica”? Será que se admite que possa ou deva haver edifício construído sem arte ou que a arte possa ser dosada, sendo em certos casos “essencial” e em outros “acessória”? “Decoração e construção são coisas diversas e separadas”? “Há uma ‘grande’ e outra ‘pequena’ decoração na arquitetura?”

Depois de um retrospecto histórico sobre as confusões acerca da atividade do arquiteto, no qual se nota principalmente a presença das interpretações de Talbot Hamlin e Siegfried Giedion, Anhaia Mello conclui apresentando diretrizes para a arquitetura que pelo menos em parte coincidem com as posições de Lúcio Costa, expostas em seu artigo “Razões da nova arquitetura” publicado na *Revista da Diretoria de Engenharia PDF* (Rio de Janeiro) de 1936.

Mas como professor, não deixa (como seu colega carioca) nada implícito, e prossegue:

*“A obra de ferro mais notável do século XIX é sem dúvida a Biblioteca Nacional de Paris, iniciada em 1858 por Henri Labrouste e completada depois da sua morte.*

*Labrouste foi o arquiteto do século XIX com mais sentido do futuro e, embora ainda usando as formas clássicas do renascimento, deu à sua obra um selo de absoluta precisão.”*

*“A biblioteca nacional” – nota Giedion – “é sem dúvida alguma, a Capela Pazzi da arquitetura contemporânea” E finalmente conclui: “A esfera de ação do arquiteto abrange hoje todas as fases de desenvolvimento do conjunto urbano, e o conceito de arquiteto-artista de cinquenta anos atrás – diz com acerto Gilmore Clark – foi substituído pelo arquiteto urbanista.”*

*“As demandas que a sociedade moderna faz à arquitetura, de novos edifícios para novos programas, é consequência da sua extrema mobilidade; mobilidade de pessoas, de coisas, de idéias e de energia.*

*A pesquisa e o laboratório estão hoje no campo da atividade do arquiteto, e tudo o que se constrói cai no âmbito da sua ação: fábricas, oficinas, edifícios rurais, barragens, usinas de força, rodovias, pontes, veículos...”*

*“A beleza será certamente um grande fermento criador para o Mundo Melhor. Mas para fazê-la surgir, dominadora e soberana, dourando com toques de divino a precária obra humana, não se dispensam – como disse Virgílio ao Florentino, no limiar da sua via dolorosa – um longo estudo e um grande amor” “Vagliami il lungo studio e il grande amore” (grifos de Anhaia Mello).*

A partir dessas considerações, a postura do arquiteto muda radicalmente: enquanto na visão dominante do século 19 a contribuição do arquiteto era feita coadjuvando e *a posteriori* da atuação do engenheiro, devido ao compromisso com o urbano, sua atuação passa a ser prévia em relação a técnicos envolvidos nas atividades produtivas e também passa a participar em igualdade de condições das diretrizes fundamentais que irão orientar as propostas globais.

A atuação do arquiteto vai apelar para a contribuição científica e tecnológica, assim como para a imaginação artística e utópica, ou seja, para um compromisso da cidadania, bem expresso no objetivo de um “mundo melhor”

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, ao ser fundada em 1948, tendo como seu primeiro diretor o mesmo Anhaia Mello, organizou-se, pois, segundo as diretrizes anunciadas, corroboradas pelas palavras do mais brilhante antigo assistente do professor Anhaia Mello, o arquiteto Vilanova Artigas, que, em texto sob o título *Rumos para o ensino de arquitetura*, de 1956, registrava logo em seu primeiro parágrafo:

*“No Brasil, o ensino universitário da Arquitetura é relativamente jovem, ou melhor, temos pouca experiência, ainda, no emprego de métodos científicos para o ensino das artes.*

Como se vê, os objetivos de um ensino moderno de arquitetura foram assumidos com franqueza pela geração fundadora, ou seja, sempre compareceu, ao lado da compreensão e adesão à arte de nosso tempo, a exigência da investigação científica e tecnológica, bem como o compromisso com a cidade e a cidadania. Evidentemente, entre diretrizes gerais, teóricas e realização prática, concreta, situam-se um conjunto nada desprezível de tentativas, becos sem saída, incompreensões, e mesmo alguns acertos. Estes, mais do que os erros, garantiram a continuidade das experiências, de sorte a animar o desejo de atingir os objetivos propostos, mais vislumbrados como utopia do que como sólida e segura doutrina.

Assim, já em 1962 e em 1968 as disciplinas propostas para a educação dos arquitetos definiam-se como articuladas em três departamentos interdependentes, a saber: Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto (designação final de 1968), Departamento de Tecnologia da Arquitetura e Departamento do Projeto (com suas siglas respectivas – AUH, AUT, AUP). Esse processo, ao lado da formação de profissionais, arquitetos empenhados culturalmente na valorização, ou pelo menos, na discussão dos problemas urbanos, propiciou as pesquisas que garantissem, em cada tempo, a renovação permanente dos objetivos gerais refletidos nas situações particulares e concretas a serem enfrentadas.

Dentro dessa ótica, foram organizados os cursos de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, a partir de 1971, em nível de mestrado e de doutorado em 1980. Mas sua estrutura reproduziu, até certo ponto, a estrutura de graduação, pois privilegiou, sempre, como na reforma da graduação de 1968, a interdisciplinariedade, respeitando, entretanto, os aprofundamentos específicos de áreas de pesquisa.

Assim, em 1982, quando por força de lei o curso foi credenciado pelo Ministério de Educação e Cultura, nota-se pelos documentos oficiais uma certa tensão e não-aceitação por parte do órgão federal de uma estrutura aberta e interdisciplinar em contraposição a uma estrutura apriorística e especializada, além de voltada com exclusividade para a pós-graduação, como se fosse uma superuniversidade.

Ao contrário, a FAUUSP, nessa época, defendia uma estrutura única, com permanente interação entre a graduação e a pós-graduação. Por isso mesmo, sintomaticamente, o

primeiro presidente da Comissão de Pós-Graduação foi o sociólogo Juarez Brandão Lopes, e não um arquiteto ou engenheiro. Para conhecer as marchas e contra-marchas da instalação oficial do curso, recomenda-se a leitura do artigo de Lauro B. Birkholz e José Luís Caruso Ronca, intitulado “Curso de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da FAUUSP: Uma realização vitoriosa” publicado no número especial da Revista *Sinopses*. Esse documento historia detalhadamente, pela transcrição de atas e reuniões em Brasília, a aprovação do curso em 1990 e que se mantém até hoje. O curso de pós-graduação da FAUUSP está credenciado em Arquitetura e Urbanismo com concentração em “Estruturas Ambientais Urbanas” com as seguintes subáreas de concentração: Planejamento Urbano e Regional; Projeto de Edificações; História da Arquitetura e Teoria da Urbanização; Tecnologia da Arquitetura; Programação e Comunicado Visual; Desenho Industrial e Projeto do Produto.

Estima-se a validade de qualquer curso pela produção intelectual de seus membros, quer sejam docentes, quer sejam discentes.

Essa produção é permanentemente avaliada pela crítica e uso das teses e dissertações. Não cabe, entretanto aqui, em um simples ensaio sobre as origens e desenvolvimento do curso de pós-graduação, reflexo que é do curso de graduação de arquitetura, examinar detalhadamente essa produção, mas tão somente verificar se o curso não se afastou das premissas iniciais dos seus fundadores, ou se, ao afastar-se, trouxe contribuições novas para o ensino superior brasileiro.

Optamos por apresentar, como um preliminar aos futuros e necessários balanços críticos do curso, arrolar quantitativamente sua produção. Para isso, valemo-nos de dois documentos. Um elaborado pela atual presidente da CPG, professora Ermínia Maricato, sob o título: “Evolução dos dados numéricos 1972/1999 (11/2/2000)” como representação junto à Capes. E outro, uma bibliografia de teses e dissertações defendidas na FAUUSP, desde sua fundação, preparada pela bibliotecária Eliana Colvet, a partir dos documentos e publicações da biblioteca da FAU, e cuja primeira redação, ainda incompleta, foi apresentada em março de 2000, para servir de subsídio à disciplina Metodologia Científica Aplicada à Arquitetura e Urbanismo.

Pelo primeiro documento, ficamos sabendo que o número de alunos de mestrado cresceu de 150 aproximadamente, em 1974, para 383, em 1999. Esse número é aproximado, pois não levou em conta as desistências e a permanência dos alunos ao longo do tempo. Mesmo assim, a progressão é bastante indicativa das preferências dos alunos interessados, pois uma parte ponderável desses alunos é proveniente de outros estados da Federação.

A progressão dos alunos do doutorado é também acentuada: de 22, em 1981, para 280, em 1999.

As dissertações de mestrado, ao longo do curso (1973 a 1999) totalizam 420. Foram argüidas, a partir de 1980, em média 15 dissertações de mestrado por ano, saltando, entretanto esse número, para mais de 40 depois de 1997

A progressão do número de teses de doutorado argüidas é representativa do crescimento quantitativo do curso: 262 teses, de 1983 até 1999, sendo um número muito

pequeno (em média 4 teses por ano, de 1981 a 1987) de teses defendidas nos primeiros anos, subindo para 40 no ano de 1999.

Mas a relação orientando-orientador acompanhou essa evolução: a FAUUSP conta hoje com 109 professores orientadores credenciados para doutorado e/ou mestrado. Considerando que cada orientador atualmente só pode ter sob sua responsabilidade direta 10 mestrandos ou doutorandos, indiferentemente, observa-se que a maior parte dos professores não preenche integralmente a cota a eles adjudicadas, o que nos parece medida de extrema prudência.

Como se distribuem essas teses e dissertações quanto ao objeto de estudo?

Na bibliografia citada, partimos de alguns critérios básicos, respeitando a estrutura de ensino proposto: classificamos as teses e dissertações em primeiro lugar pelo conteúdo, ou seja: história, tecnologia e projeto, como os departamentos existentes como segue: história da produção tangível e das idéias, quando identificáveis, que presidiram sua confecção.

Tecnologia, entendida como descrição de procedimentos de trabalho, materiais, ou instrumentos e seu uso (tecnologia tradicional); ou estudo de problemas da técnica e descrição dos procedimentos de pesquisa baseados na ciência moderna e suas conclusões (tecnologia moderna).

E finalmente, as teses cujo objeto de investigação não existe, mas poderia existir, como nos ensina o filósofo grego, na sua pequena obra *Poética*, ou, ainda, aqueles temas cuja razão de ser é o desejo que o objeto exista, como as utopias, na definição de Saint Thomas Morus. Essas teses serão caracterizadas como “projeto”

Entretanto, tendo participado de cerca de 40 “exames de qualificação” ou bancas de arguição de dissertação e teses, permito-me as seguintes constatações, baseando-me no que julgo ser uma amostragem estatisticamente significativa. As teses da FAU raramente deixam de abranger matéria dos três departamentos. Sua classificação em História, Tecnologia ou Projeto, faz-se mais por ênfase na exposição, na predominância de uma das vertentes, do que pela exclusividade. E em todas nota-se, ainda que implicitamente, uma vertente utópica.

Chamamos a atenção para o fato de até agora termos tomado conhecimento dos resumos de metade das teses apresentadas e aprovadas por suas bancas respectivas. Do universo de teses e dissertações pesquisadas, e de acordo com os critérios adotados, temos o seguinte resultado:

História e Crítica: 334 teses e dissertações

Tecnologia: 7 teses e dissertações

Projeto: 12 teses e dissertações

Podemos tirar algumas conclusões provisórias a partir desses dados, ou seja:

Há uma insuficiente produção de trabalhos referentes a dissertações e teses nas áreas de projeto e tecnologia, cuja causa pode ser, no primeiro caso, a violenta campanha



antiutópica levada a cabo no Brasil e no exterior contra os arquitetos do CIAM. Talvez isso explique a total ausência de estudos sobre Anhaia Mello e Lúcio Costa, sendo que, até agora, o professor da Escola Politécnica e da FAU, tenha sido objeto de uma única dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Essa campanha foi favorecida, sem dúvida, pela ditadura militar, mas não tem aí sua origem. Tudo indica que sua origem é externa e concentra-se na crítica arrasadora das proposições utópicas do movimento moderno. É verdade, que, como foi observado anteriormente, em muitas teses de crítica de arte e arquitetura de história, mais ou menos implícita ou explicitamente comparece um pensar utópico. Mas proposição clara apresentada só poderia comparecer em teses quer de “estética do projeto” na formulação de Artigas, quer sob a categoria de “projeto” E isso não tem ocorrido com a frequência necessária.

Quanto ao segundo tópico, teses sobre tecnologia, é provável que se apresente dependente do primeiro: a tecnologia que poderia comparecer em teses ou dissertações seria sempre aquela voltada para os problemas nacionais, preferencialmente obras públicas.

Também essa vertente não parece ter sido favorecida pela pesquisa tecnológica atualmente em curso. O próprio Projeto Genoma, que apresentamos no início destas notas, sem desmerecer o esforço feito, encaminha-se para resolver um problema que afeta os laranjais brasileiros, portanto ligado a um importante item da atual pauta de exportação. Mas por mais que reconheçamos a importância dessa pesquisa interunidades e interdisciplinar, não percebemos, de imediato, o que esse esforço irá contribuir para um “mundo melhor” como propunha Anhaia Mello em 1946.

Tudo se passa no Brasil, nesse âmbito, como se nada tivesse acontecido após o *crash* da bolsa de Nova York de 1929 e, conseqüentemente, o enfrentamento dos problemas sociais ocorrido com o *New Deal* dos anos 30, resposta pacífica à crise do comércio internacional e oposto à militarização da economia efetuada pelos regimes nazista e fascista. Por outro lado, a situação atual nos mostra que os dirigentes da economia nacional ou internacional não se comovem com o alto índice de desemprego que atinge os países subdesenvolvidos, em desenvolvimento, e mesmo desenvolvidos. Ora, como nos ensina a crise de 1930, os movimentos irracionais e caóticos, filhos do desespero irromperam, como os vários fundamentalismos atuais, do grande *crash* da bolsa de Nova York, da conseqüente desorganização da economia mundial. Trata-se, portanto, de retornar às utopias libertárias, ou nos deixar submergir, coletivamente, no caos e no desespero.

---

**Júlio Roberto Katinsky**

Professor doutor do departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto.  
Orientador credenciado para o curso de pós-graduação da FAUUSP

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *Barry Parke: Um arquiteto inglês na cidade de São Paulo*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- ANDRADE, Mário de. *Curso de filosofia e história da arte: Anteprojeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. São Paulo: Centro de Estudos Folclóricos do GFAU, 1955.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Progetto e destino*. 2. ed. Milano: Saggiatore, 1968.
- COLVET, Eliane. *Bibliografia das dissertações e teses da FAUUSP*. São Paulo: FAUUSP, 2000.
- COSTA, Lúcio. O novo humanismo científico e tecnológico. *Módulo*, v. 5, n. 23, p. 27, jun. 1961.
- \_\_\_\_\_. Razões da nova arquitetura. *Revista da diretoria de engenharia*, v. 3, n. 1, p. 39, jan. 1936.
- CROCE, B. *Aesthetica in nuce*. 3. ed. Bari: Laterza, 1954.
- GIDEON, Sigfried. *Espacio, tiempo y arquitectura: El futuro de una nueva tradicion*. Barcelona: Editorial Científico-Médico, Hople, c. 1955.
- LILIENTHAL, D. E. *TVA – A democracia em marcha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- MARICATO, Erminia. *Representação junto ao Capes*. São Paulo: CPG/FAUUSP, 2000.
- MELLO, L. F. R. A. A evolução do curso de engenheiros-arquitetos na Escola Politécnica de São Paulo. In: *Anuário da Escola Politécnica*. São Paulo: Escola Politécnica, 1946.
- PEVZNER, Nicolaus. *Pioneiros do desenho moderno*. Lisboa: Ulisseia, 1962.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem: Numa série de cartas*. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.